

PESQUISA

24 OUT 1985

Economia Mais
JORNAL DA TARDE

Setor financeiro confia na queda da inflação

Queda da inflação, renegociação de prazos de juros da dívida externa, crescimento econômico de 5%, redução do déficit público, maior oferta de emprego e aumento da poupança interna. São previsões de duas centenas de especialistas ligados ao setor financeiro, que participaram de pesquisa realizada pela Febraban e pela Fenabran e a empresa de auditoria Arthur Andersen.

De um total de 200 questionários respondidos, 22% dos participantes são executivos de bancos comerciais de grande porte, 14% executivos de bancos de médio porte, 11% de bancos de pequeno porte, 11% de bancos oficiais, 13% consultores e analistas financeiros, 14% legisladores e 15% executivos dos demais tipos de empresas do setor financeiro. Muito otimistas, esses executivos acreditam no crescimento dos depósitos a vista e a prazo, mas esperam que o número total de bancos comerciais diminua com maior participação de bancos estrangeiros e de grande porte. Apontam os bancos comerciais como as empresas mais importantes para o sucesso dos conglomerados financeiros.

Considerando-se como índice de rentabilidade média do capital próprio a relação lucro líquido x patrimônio líquido, foi possível constatar que, com exceção do Banco do Brasil, para a maioria dos bancos se espera no ano de 85 um declínio no desempenho, que seria recuperado em 1986. Executivos de bancos de todas as categorias acreditam que operações de crédito continuarão sendo a principal fonte de receita até 1995. Também foi dada grande importância à melhoria na qualidade e maior variedade de serviços prestados.

Aproximadamente 96% dos representantes, da área bancária acham que o acesso à tecnologia será fundamental para a sobrevivência de seus bancos. Consideram provável que os bancos de menor porte se unam em clubes de serviços ou em outras formas de associação, com o objetivo de obter auto-suficiência tecnológica. Os entrevistados ligados diretamente ao setor bancário acham que o nível de investimento nessa área deve situar-se entre 5 e 6% da receita operacional de seus bancos.

Um número significativo de entrevistados (97%) acredita que os principais índices econômicos —

como correção cambial e monetária, INPC e IGP — deverão continuar a ser controlados pelo governo, pelos menos nos próximos dois anos. Os salários, por sua vez, deverão ser reajustados de acordo com os níveis de inflação. É esperado o fim do controle dos preços para o setor privado até 1986.

Constatou-se também que a grande maioria dos entrevistados, inclusive legisladores, acredita que o governo continuará a adotar uma série de alternativas para financiar o déficit público. A quase totalidade (97%) dos entrevistados concorda que o governo continuará a emitir títulos públicos como meio de financiar o déficit; 85% acha que continuará a emitir moeda e aumentar os impostos; e 66% diz que o governo vai procurar reduzir seus investimentos. Com relação à remuneração média dos títulos, as opiniões estão divididas entre a rentabilidade atual e a diminuição. Quanto à participação futura de diversos tipos de bancos, no total das captações, a pesquisa aponta uma tendência dos grandes bancos a se fortalecerem ainda mais. Os bancos estaduais e de pequeno porte serão os principais afetados na concorrência pelos depósitos.